

Educação em tempos remotos: sociologia e ensino-aprendizagem sobre os padrões corporais na pandemia

Leonara de Araújo Alves

13

Passado exato um ano do início da pandemia ocasionada pelo COVID-19 no cenário brasileiro, e das medidas de isolamento social recomendadas pela Organização Mundial da Saúde (OMS), iniciei meu Estágio Supervisionado IV - e último - caminhando para a conclusão do curso de licenciatura em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

Com uma bagagem repleta de receios criados pelo contexto pandêmico, antes de me matricular na disciplina de estágio por vezes questioneei qual validade ele teria sendo realizado através de telas, sem a possibilidade de observar e interagir com relações humanas diversas no espaço educacional - algo tão caro às ciências sociais - e, caso a situação repentinamente se convertesse, a partir de decisões governamentais, e as aulas voltassem ao modo presencial, o quão sanitariamente seguro isto seria, sem o corpo escolar estar vacinado. Depois de muito refletir, cheguei a conclusão de que essa experiência deveria ser vivida, justamente por se tratar de um momento tão singular e que agregaria muito na minha formação, visto que se as escolas básicas não pararam suas atividades e que a realidade posta era aquela, ela também poderia ser compreendida e analisada através do estágio, além da oportunidade de poder contribuir para o ensino-aprendizagem das/os educandas/os em tempos como estes.

Atuando em uma escola pública estadual localizada na cidade de João Pessoa (Paraíba) - com a qual já possuía um contato prévio enquanto bolsista, desde outubro de 2020, do Programa de Residência Pedagógica (PRP) em sociologia da UFPB -, iniciei o estágio em março de 2021, acompanhando uma turma do 1º ano

do ensino médio. Após vivenciarem quase que por completo - se retirarmos as primeiras semanas do mês de março da equação - o ano letivo de 2020 de um modo remoto, uma experiência nunca antes vivida, ou até mesmo imaginada, por aquelas/es estudantes, elas/es finalmente ingressavam na última etapa do ensino básico, muitas/os vindos de outras escolas e sem, até o momento, conhecerem pessoalmente umas/uns as/aos outras/os e suas/seus respectivas/os professores/as; começando um novo ano com um já conhecido, contudo não necessariamente desejado, formato: a educação a distância.

Se é que podemos pedagogicamente falar sobre uma “educação” em que educadora/or e educanda/o encontram-se - sem uma prévia escolha ou preparação - separadas/os, o fato é que as aulas *online* invadiram todas as casas, em grande parte dos casos sem estruturas adequadas tanto materiais (acesso à internet, computador, celular, espaço físico dentro de casa para estudar, com mesa, cadeira) como emocionais (saúde mental frente ao isolamento social, incentivo familiar e até mesmo tempo para se dedicar aos estudos, dado que muitas/os jovens ingressaram no mundo do trabalho para proverem o sustento por causa da crise político-econômica e seus diversos fatores), tornando ainda mais precário o processo de ensino-aprendizagem.

Ainda nesse aspecto, quando pensamos que a educação está mais do que nunca dentro dos lares, se constituindo no cotidiano do espaço privado e familiar, torna-se necessário analisar as implicações desse processo para a profissão docente, que impacta diretamente a educação em si. Com o crescimento do mo-

vimento Escola sem Partido nos últimos anos, e de suas bandeiras contra uma suposta “ideologia”, uma perseguição contra a liberdade de cátedra das professoras e professores também foi posta em prática, sobretudo contra docentes da grande área das ciências humanas, e especificamente na disciplina de sociologia. Por tratar de temas intrínsecos à sociedade, muitos deles rotulados como “polêmicos”, as tensões colocadas às discussões sociológicas se tornam ainda mais latentes, o que fica explícito nos relatos de diversas/os professoras/es da área, principalmente na conjuntura atual, com as aulas sendo gravadas - e a possibilidade uma fiscalização da prática docente, sendo um meio de coerção e com a inviabilidade de controle de quem assiste as aulas - já que não se sabe quem realmente está do outro lado da tela -, para além das/os alunas/os matriculadas/os.

Expostas as principais características do contexto no qual o estágio e a disciplina de sociologia estão inseridos, gostaria de falar um pouco sobre a turma que me recebeu. Ela era composta, oficialmente, por pouco mais de quarenta alunas/os, porém, ao decorrer das aulas apenas um grupo, composto por um quantitativo de 10 à 15 alunas/os, comparece às aulas, que são realizadas uma vez por semana, com duração de 30 minutos, através da plataforma *Google meet*. Embora o tempo do encontro seja curto e a evasão da presença online seja grande, a turma que assiste às aulas costuma ter participação e interação consideráveis com os temas, o que significa bastante quando pensamos que é o primeiro contato com a sociologia que elas/es tem, além de ser o segundo ano no formato a distância. Os conteúdos aborda-

dos até o momento contemplam temas desde a apresentação do que é a sociologia, passando por características culturais e comportamentais das sociedades humanas e chegando até o tema que elenquei para o momento tão esperado de ministrar uma aula: os padrões corporais.

Escolher esse tema, além de ser um dos possíveis caminhos para dar seguimento ao conteúdo programático da disciplina, foi uma decisão pautada por dois importantes fatores. O primeiro deles é a necessidade de falar sobre padrões corporais com a juventude, uma geração socialmente marcada por uma fase de mudanças e da emergência de um “novo eu” - deixando para trás a personalidade que remetia ao período anterior, a infância - surgindo com isso o estabelecimento de novos padrões e uma série de comparações com “o outro”. Relacionado a isto, o segundo fator se refere ao momento atual, de isolamento social e vida através das redes sociais *online*, pautado pela ausência de uma socialização real, simultânea e presencial entre a juventude - que também tem a escola como um valioso espaço para isso - tendo como causa e consequência, fortemente associadas ao advento de novos padrões estéticos frutos de uma era digital, salas de aula com todas as câmeras fechadas e o uso contínuo de filtros de imagem em aplicativos.

Ministrada em dupla, a aula foi iniciada com duas perguntas geradoras, destinada as/os alunas/os, sendo elas “o que vocês entendem sobre padrões corporais?” e “esses padrões são naturais ou socialmente construídos?”, indagações que buscavam provocar a participação delas/es e a reflexão sobre como esses padrões são induzidos por fatores externos aos indivíduos.

os; respondendo de acordo com suas vivências e observações do mundo ao redor, as alunas e alunos foram traçando um entendimento sobre o tema, unindo-se a explicação posterior que foi apresentada.

A partir disso, para melhor ilustrar, foram exibidas fotos contendo exemplos de padrões corporais em várias épocas e lugares do mundo, apontando a constante dinâmica de mudança presente entre os mesmos; discutidas as fotos, um importante conceito para se pensar os padrões - por encontrar-se em oposição a eles - foi colocado, o de desvios sociais, contemplando pontos pulsantes nas relações entre as/os jovens, como exclusão, violência e baixa autoestima.

Finalizando com uma perspectiva positiva, foram apresentadas as concepções de identidade cultural e representatividade, fundamentais para a compreensão de que outras rotas existem, e de que é importante aprender sobre os padrões culturais não para segui-los, mas sim para criar consciência e poder de decisão, formulando estratégias sobre como se posicionar perante a eles.

Aprofundando e fixando mais o tema, uma avaliação foi passada para que respondessem durante a semana seguinte. Colocada em um formulário do *Google forms*, a atividade tratava de um assunto relacionado aos padrões corporais: a gordofobia. As alunas e alunos de-

veriam assistir a um curta metragem intitulado “Gorda”¹ (15min45seg), e escrever um texto sobre as partes que mais despertaram interesse, partindo de um ponto de vista sociológico e empregando os conceitos abordados na aula. Entre as respostas, muitos relatos sobre a não concordância com a exclusão praticada pela exigência dos padrões apareceram, sendo uma tarefa desafiadora avaliá-las. O fato de que a avaliação desta atividade também se deu em dupla, permitiu a troca de algo visto em teoria mas posto em prática apenas nos estágios, o “como avaliar”. Debatendo critérios e priorizando determinados fatores do ensino remoto, chegamos a um denominador comum satisfatório.

Ministrar uma aula e avaliar uma atividade sobre um tema tão delicado na contemporaneidade foi uma tarefa empolgante, muito pelo fato de considerar este um tema de extrema urgência para ser tratado junto às/aos jovens. Contente com a interação que as alunas e alunos, mesmo através das telas, tiveram com a temática, posso afirmar que minha primeira aula foi um exercício positivamente memorável, em tempos adversos, mostrando a capacidade de subversão da sociologia e da educação.

1. GORDA é produção de Luiza Junqueira. Rio de Janeiro: 2016. 15min45seg. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=PVozftI7Ebs>>. Acesso em: 16 abr 2021.